



Doentes crónicos sem dinheiro abandonam medicação

Diabéticos, asmáticos e doentes mentais que pararam tratamento **acabam nas urgências**

HUGO FRANCO

A crise económica tem obrigado diabéticos, asmáticos, hipertensos e doentes mentais a cortar onde mais precisam: no orçamento para a saúde. Muitos doentes crónicos têm ido menos vezes às consultas e chegam a abandonar os tratamentos a meio, por falta de dinheiro. Como consequência, alguns acabam nas urgências dos hospitais por não tomarem os medicamentos prescritos para o resto da vida.

Médicos e várias associações de doentes alertam que o fenómeno está a piorar nos últimos seis meses. E vai agravar-se até ao fim do ano. "A população idosa é muito afetada, mas há mais doentes em idade ativa que ficaram desempregados e sem posses para o tratamento mais básico", confirma João Filipe Raposo, diretor clínico da Associação Protetora dos Diabéticos de Portugal.

No caso dos diabéticos, a insulina, que é comparticipada a 100%, não entra nesta equação. O problema está no tratamento de outras doenças associadas, como a hipertensão e o colesterol, e em que o apoio do Estado é menor. Os pacientes sentem alguma vergonha em revelar a falta de dinheiro, mas o médico percebe que algo de errado se passa quando lhe perguntam "se é mesmo preciso tomar a medicação". Ou se é possível fazer um tratamento mais barato.

É o caso do motorista camarário Joaquim Pedras, de 61 anos, que perdeu mais de 30 quilos nos últimos anos mas continua a sofrer de diabetes e tensão alta. "O salário de €500 tornou-se curto para tantos comprimidos e vitaminas." Agora, as embalagens de 20 comprimidos chegam a durar um mês inteiro. E as idas à farmácia tornaram-se mais espaçadas no tempo. O seu médico, Rui Ribeiro, do hospital de São José, em Lisboa, vê cada vez menos o funcionário público de Alhandra nas consultas. E sabe que Joaquim não toma a dose ideal de comprimidos. Mas pouco, ou nada, pode fazer.

Entre as pessoas com problemas respiratórios, há uma agravante. "A falta de medicação pode, no limite, colocar em risco a vida dos doentes", afirma Carlos Robalo Cordeiro, presidente da Sociedade Portuguesa de Pneumologia. Preocupam-no sobretudo os pacientes com asma e bron-

A crise obriga muitos doentes a poupar nos medicamentos, a ir menos vezes às consultas médicas e às farmácias FOTO CORBIS

quite crónica "que estão a trocar os inaladores mais caros, e eficazes, pelos mais baratos, com um efeito de curta duração". Cada vez que o fazem pouparam €40, "mas estão a condenar a sua saúde a longo prazo". Estas poupanças "estão a levar cada vez mais pessoas às urgências hospitalares; em vez de pouparem acabam por gastar ainda mais dinheiro", sentenciou.

Uma opinião partilhada por Mário Morais de Almeida, da Sociedade Portuguesa de Alergologia, que já perdeu a conta aos casos de pacientes que só se tratam quando recorrem às urgências e consultas não planeadas. "Mal se sentem um pouco melhor voltam a deixar a medicação". E a poupar entre €50 e €100 por mês, o valor médio do tratamento de um paciente com uma doença respiratória mais grave.

A corrida às urgências por parte de asmáticos, mas também dos diabéticos e hipertensos, é confirmada por Santos Cardoso, presidente do Movimento dos Utentes dos Serviços de Saúde.

"Não há números, mas temos informações de vários hospitais de Lisboa e do Porto de que o fenómeno é cada vez mais comum, principalmente nos doentes da classe média/baixa."

O Infarmed e a Associação Nacional de Farmácias ainda não têm dados de 2012, mas no ano passado registou-se uma diminuição na compra de medicamentos.

Medicamentos gratuitos

Alguns hospitais chegam a oferecer medicamentos aos mais necessitados. O Amadora-Sintra gastou mais 50% em 2011 neste tipo de casos (o valor subiu de €20 mil para €30 mil num ano) e o Centro Hospitalar de Lisboa Norte, que engloba o Santa Maria e o Pulido Valente, tem vindo a fornecer cada vez mais medicamentos gratuitos. Só em janeiro, houve um aumento de quase 40% dos casos. "Este apoio acontece em situações pontuais e mais complicadas", salienta Maria Conceição

NÚMERO

Diminuição do dinheiro gasto em medicamentos em 2011. O número de embalagens vendidas decresceu, no mesmo ano, mais de 3%. Em contrapartida houve um aumento de 14% das embalagens vendidas de genéricos, segundo o Infarmed

Patrício, dos serviços sociais.

Em Setúbal, os médicos tentam arranjar outras alternativas para os casos mais graves de doentes crónicos sem dinheiro. António Gamito, diretor do departamento de Psiquiatria do Hospital de São Bernardo, revela que, além do fornecimento de medicação gratuita, são frequentes os pedidos de ajuda às ONG locais e até a recolha de comprimidos junto de pessoas que já não precisam deles. "Ainda assim nada disto é suficiente."

O especialista calcula que metade dos pacientes da região que sofrem de doenças mentais deixou de ter dinheiro para comprar os antipsicóticos, a medicação mais cara, e mesmo os antidepressivos. A maioria está no desemprego. "Tem havido problemas sociais graves."

No resto do país o cenário não será muito diferente, segundo o diretor do Programa Nacional para a Saúde Mental, Álvaro Carvalho. "A crise está a tornar tudo mais difícil."

hfranco@expresso.imprensa.pt

